UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

***CAMPUS* ARAPIRACA/SEDE**

CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

MAURÍCIO ELIAS DA SILVA ALMEIDA

O USO DE *A GENTE* EM CARTAS PESSOAIS DO ESCRITOR ALAGOANO GRACILIANO RAMOS

ARAPIRACA

2024

Maurício Elias da Silva Almeida

O uso de *a gente* em cartas pessoais do escritor alagoano Graciliano Ramos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Alagoas, *Campus* Arapiraca, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitório.

Arapiraca

2024

Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
Biblioteca Setorial *Campus* Arapiraca - BSCA

A447u Almeida, Maurício Elias da Silva
O uso de a gente em cartas pessoais do escritor alagoano Graciliano Ramos [recurso eletrônico] / Maurício Elias da Silva Almeida. – Arapiraca, 2024.
40 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitório.
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) - Universidade Federal de Alagoas, *Campus* Arapiraca, Arapiraca, 2024.
Disponível em: Universidade Digital (UD) – UFAL (*Campus* Arapiraca).
Referências: f. 38-40.

1. Letras. 2. Sociolinguística histórica. 3. Variação linguística. I. Vitório, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. II. Título.

CDU 81

Bibliotecário responsável: Márcio Thiago dos Santos Albuquerque
CRB - 4 / 2052

Maurício Elias da Silva Almeida

O uso de *a gente* em cartas pessoais do escritor alagoano Graciliano Ramos

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, *Campus* Arapiraca, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Data da aprovação: 02/ 02/ 2024

Banca Examinadora

gov.br Documento assinado digitalmente
ELYNE GISELLE DE SANTANA LIMA AGUIAR VITO
Data: 03/02/2024 07:28:32-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitório
Universidade Federal de Alagoas – UFAL/FALE
(Orientador)

gov.br Documento assinado digitalmente
MARIA HELENA MENEZES DE SOUZA
Data: 03/02/2024 09:19:31-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Ma. Maria Helena Menezes de Souza
Universidade Federal de Alagoas – UFAL/PPGLL
(Examinador)

gov.br Documento assinado digitalmente
ELIANE VITORINO DE MOURA OLIVEIRA
Data: 05/02/2024 10:20:28-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Eliane Vitorino de Moura Oliveira
Universidade Federal de Alagoas – UFAL/Arapiraca
(Examinador)

Dedico este trabalho a todos aqueles que um dia passaram pela minha vida e, de alguma forma, contribuíram para a realização do meu sonho de me formar em uma universidade pública, gratuita e de qualidade.

AGRADECIMENTOS

Concluir o curso de Letras não foi uma tarefa fácil, pelo contrário, em muitos momentos pensei em desistir, pois me via sem forças para continuar a trilhar este caminho tão árduo e, ao mesmo tempo, tão necessário, que é o acadêmico. Importa ressaltar, também, que para se manter dedicado à realização de um sonho, seja ele qual for, é imprescindível que Deus – ou em quem deposita a sua fé –, a cada dia, nos fortaleça mais e mais. Por esse motivo, agradeço a Deus por nunca ter soltado a minha mão e por me permitir permanecer firme e perseverante até hoje.

Aos meus pais, por todo o apoio prestado em todos esses anos de vida acadêmica; sem eles, não há dúvidas, esse sonho não seria possível. Neste momento, aproveito para agradecer, em especial, à minha querida mãe, Adriana, por ter me concebido o dom da vida e, sobretudo, por me amar imensuravelmente.

Às minhas irmãs, Carol e Karina, pelo simples fato de serem as melhores irmãs que eu poderia ter. Ao meu irmão Adriano, porque, embora não sejamos tão próximos, amo-o igualmente.

Aos meus amigos queridos, especialmente à Ana Catonio, à Gracielly Oliveira, à Maria Gabriele, à Mayara Kelviane, à Rayane Felix e à Riquelly Barbosa, por sempre me incentivarem a ser a melhor versão de mim mesmo e por, incontáveis vezes, fazerem a minha vida mais feliz.

Aos meus amigos, Erika e Sergio, pela amizade e parceria durante esta trajetória.

Ao Aldo Silva, à Ana Limeira, ao Cristiano Borges, à Jacyara Rocha, à Lyvya Santos, ao Matheus Correia, à Stéfanie Sirqueira e à Wedja Silva por todas as vivências.

À Renyelle Barros, por ser a melhor madrinha que eu poderia ter e, principalmente, por ser a pessoa mais graciosa e gentil que já conheci em toda a minha vida. A seu esposo, Zé Gallegho, por ter sido um excelente professor para mim.

À profa. Elyne Giselle, por ter acreditado no meu potencial e aceitado o convite para ser a minha orientadora; a ela, toda a minha admiração.

À profa. Eliane, Lia, por sempre me incentivar com suas palavras de afago.

Às minhas supervisoras de estágio, Anne Dayse e Maysa Tayuane, por fazerem seus trabalhos com maestria.

À minha prima, Maria Aparecida, por sua amizade.

A todos os bons professores que tive ao longo da vida, por me inspirarem a seguir pelo caminho da docência.

As cartas, datadas e localizadas, guardam consigo os sinais de um momento, fixam a experiência no tempo e no espaço. (Gastaud; Costa, 2018, p. 14).

RESUMO

Tendo em vista a escassez de pesquisas sociolinguísticas voltadas para a descrição da variação *nós* e *a gente* na variedade alagoana na escrita de sincronias passadas, o trabalho analisa o uso da variante *a gente* em um *corpus* constituído por 112 cartas pessoais do alagoano Graciliano Ramos escritas na primeira metade do século XX e endereçadas a diferentes destinatários. Amparando-se na Sociolinguística Histórica (Conde Silvestre, 2007), que toma a metodologia da pesquisa variacionista (Labov, 2008), objetiva-se analisar o caminho através do qual a variante *a gente* gradativamente se espraia pelo quadro dos pronomes de primeira pessoa do plural nas cartas pessoais estudadas. Para tanto, parte-se da hipótese de que as formas do paradigma do *nós (nós/nos/conosco/nosso)* são as variantes preferidas – devido ao fato de Graciliano Ramos ser uma pessoa ilustre na sociedade e possuir alto nível de letramento –, mas acredita-se que haverá a implementação de *a gente* nas missivas analisadas, sobretudo na posição de sujeito, com as variáveis determinação do referente, função sintática, década, interlocutor, subgênero da carta, tema da carta e sexo do destinatário sendo relevantes no uso de *a gente*. Ademais, a análise dos dados segue uma abordagem qualitativa, que se detém a compreender, descrever e explicar fenômenos sociais (Flick, 2007). Os dados confirmam nossa hipótese básica, na medida em que as variantes *nós*, *nos*, *conosco* e *nosso* são as formas preferidas para representar a primeira pessoa do plural, mas há a realização de *a gente* – 43 dados – nas missivas de Graciliano Ramos. Essas realizações ocorreram tanto nas funções de sujeito e quanto não sujeito, com referente tanto indeterminado quanto determinado, bem como são registradas já na década de 1910.

Palavras-chave: sociolinguística histórica; variação; nós; a gente; cartas pessoais.

ABSTRACT

In view of the scarcity of sociolinguistic research aimed at describing the variation nós and a gente in the Alagoas variety in the writing of past synchronies, the work analyzes the use of the variant a gente in a corpus consisting of 112 personal letters by the Alagoas Graciliano Ramos written in first half of the 20th century and addressed to different recipients. Drawing on Historical Sociolinguistics (Conde Silvestre, 2007), which takes the methodology of variationist research (Labov, 2008), the aim is to analyze the path through which the variant a gente gradually spread across the framework of pronouns of first person plural in the personal letters studied. To do so, we start from the hypothesis that the forms of the nós paradigm (nós/nos/conosco/nosso) are the preferred variants – due to the fact that Graciliano Ramos is an illustrious person in society and has a high level of literacy –, but it is believed that there will be the implementation of a gente in the letters analyzed, especially in the subject position, with the variables determination of the referent, syntactic function, decade, interlocutor, subgenre of the letter, theme of the letter and gender of the recipient being relevant in the use of a gente. Furthermore, data analysis follows a qualitative approach, which focuses on understanding, describing and explaining social phenomena (Flick, 2007). The data confirms our basic hypothesis, in that the variants nós, nos, conosco and nosso are the preferred forms to represent the first person plural, but there is the realization of a gente – 43 data – in Graciliano Ramos' missives. These occurrences appeared both in the roles of subject and non-subject, with both indeterminate and determined referents, as well as being recorded as early as the 1910s.

Keywords: historical sociolinguistics; variation; nós; a gente; personal letters.

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	9
2	**FENÔMENO EM ESTUDO**	11
2.1	**Gramaticalização de a gente**	11
2.2	**Implementação de a gente no português brasileiro**	13
2.3	**O uso de a gente na variedade alagoana**.....	14
3	**APORTE TEÓRICO E METODOLÓGICO**	22
3.1	**Sociolinguística histórica**	22
3.2	**Metodologia de pesquisa**	24
4	**ANÁLISE DOS DADOS**	29
4.1	**O uso de a gente nas cartas**	29
5	**CONCLUSÃO**	36
	REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

O quadro tradicional de pronomes apresentado na maior parte das gramáticas normativas brasileiras considera apenas o pronome reto *nós*, os pronomes oblíquos *nos* e *conosco* e os pronomes possessivos *nosso (a)(s)* para a referência à primeira pessoa do plural. O pronome *a gente* e suas variantes, consagrados pelo uso linguístico nas variedades brasileiras, aparecem em notas de rodapé ou comentários adicionais, relacionados ao uso da linguagem coloquial (Lopes, 2011, 2012; Marcotulio; Pinheiro; Assis, 2015).

No entanto, a implementação da expressão *a gente* no quadro pronominal do português brasileiro, segundo Omena (1996, 2003) e Lopes (2002, 2004), iniciou-se entre os séculos XVII e XVIII e originou-se da forma nominal *gente*. Ao passar por um processo de gramaticalização do nome *gente* para o pronome *a gente*, a forma nominal *gente* perde o traço formal de número, perde o traço formal de gênero [+ feminino], passando a se relacionar a adjetivos tanto no masculino quanto no feminino, e ganha o traço [+ pessoa].

Considerando o encaixamento do pronome *a gente* no sistema linguístico do português brasileiro, estudos sociolinguísticos têm mostrado que a forma inovadora não só tem ocupado o espaço de *nós* para a referência à primeira pessoa do plural na posição de sujeito (Vianna; Lopes, 2015), como em *nós estudamos sintaxe/ a gente estuda sintaxe*, como também começa a se implementar em contextos sintáticos de complementação e adjunção, como em *o menino nos atendeu / o menino atendeu a gente* e *o nosso trabalho foi um sucesso / o trabalho da gente foi um sucesso* (Ramos; Bezerra; Rocha, 2009; Vianna; Lopes, 2012, 2013; Araújo; Almeida, 2014; Silva; Vitório, 2017).

Para começar a explorar a representação da primeira pessoa do plural na variedade alagoana em sincronias passadas, focaliza-se na realização de *a gente* em cartas pessoais do escritor Graciliano Ramos. O intuito desta pesquisa é analisar o uso de *a gente* nas missivas do autor escritas na primeira metade do século XX; identificar o percurso histórico da mudança e verificar as implicações de condicionamentos linguísticos e sociais. Assim, objetiva-se responder às seguintes perguntas: (i) há ocorrências de *a gente* na função de sujeito nas missivas analisadas? (ii) *a gente* já ocorre em outras funções sintáticas além da função de sujeito nas cartas pessoais consideradas? e (iii) quais condicionamentos linguísticos e/ou sociais estariam atuando para o espraiamento de *a gente*?

Como hipótese básica, acredita-se que o missivista, por caracterizar-se como uma pessoa ilustre na sociedade e com alto nível de letramento, utilizará mais as variantes padrão do paradigma de primeira pessoa do plural, *nós/nos/conosco/nosso*. Todavia, pressupõe-se

também que haverá a realização da variante inovadora *a gente*, principalmente na posição de sujeito, com relevância das variáveis determinação do referente, função sintática, década, interlocutor, subgênero da carta, tema da carta e sexo do destinatário, o que revelará traços da gramática da língua em uso na variedade alagoana.

Esta pesquisa se justifica porque focaliza a realização de *a gente* na variedade alagoana em sincronias passadas, usando como amostra as cartas pessoais escritas pelo ilustre Graciliano Ramos, de modo a suprir a carência de estudos sociolinguísticos voltados para a escrita de Alagoas. Essa descrição também possibilita entender como ocorreu o processo de implementação e transição de *a gente* na variedade em questão, quais fatores linguísticos e/ou sociais podem atuar nesse processo e qual o comportamento sociolinguístico do pronome *nós* durante a implementação da variante inovadora *a gente*.

Para tanto, esta pesquisa está dividida em três seções, além desta introdução e da conclusão. Na segunda seção, apresenta-se o fenômeno em estudo, de maneira a explicar como sucedeu o processo de gramaticalização, de implementação e de uso de *a gente*. Em seguida, na terceira seção, sintetiza-se a Sociolinguística Histórica e o procedimento metodológico utilizado para a realização do presente estudo. Por fim, na quarta e última seção, realiza-se a análise do uso de *a gente* nas cartas pessoais de Graciliano Ramos.

2 FENÔMENO EM ESTUDO

Nesta seção, são abordadas questões essenciais à compreensão do fenômeno em estudo – a realização da variante *a gente* em cartas pessoais do escritor alagoano Graciliano Ramos escritas na primeira metade do século XX – a saber, o processo de como ocorreu a transição de *gente* para *a gente*, isto é, a gramaticalização de palavra mais lexical para palavra menos lexical, mais gramatical; a implementação de *a gente* no português brasileiro e, por último, o uso de *a gente* na variedade alagoana, tendo em vista a variação *nós* e *a gente*.

2.1 Gramaticalização de *a gente*

Antoine Meillet – um dos primeiros estudiosos a utilizar o termo "gramaticalização" – argumenta, em seu texto *L'évolution des formes grammaticales* (Meillet, 2017), que a gramaticalização é um processo em que há a passagem de uma palavra autônoma para uma palavra com função gramatical. Para o autor, esse processo ocorre quando uma palavra dotada de sentido próprio passa a ser usada apenas com função gramatical – isto é, vazia de sentido próprio –, bem como que essa transição de uma palavra autônoma para uma palavra com papel gramatical não acontece de forma imediata, mas sim gradativa.

Vitral (2006) também pontua que o caminho evolucional – trajeto percorrido pela palavra lexical até tornar-se gramatical – constitui um processo de gramaticalização, na medida em que, quando um nome (palavra lexical) passa a funcionar como uma palavra gramatical (palavra desprovida de sentido próprio), perde as características próprias de um nome e começa a desempenhar o papel de pronome. Em conformidade com a visão de Meillet, Arruda (2021) compreende que a mudança de uma palavra autônoma para uma palavra com papel gramatical não ocorre abruptamente, mas de forma gradual.

É o caso, por exemplo, da forma nominal *gente*, que antes era usada apenas com valor de substantivo e passou a ocupar também um lugar na gramática, a posição de primeira pessoa do plural. De acordo com Lopes (2002), durante o processo de gramaticalização de *gente* para *a gente*, a forma nominal *gente* perdeu o traço formal de número, perdeu o traço formal de gênero [+ feminino], de modo a se relacionar a adjetivos tanto no masculino quanto no feminino, e ganha o traço [+ pessoa]. Dessa forma, ainda conforme Arruda (2021),

> [...] quanto mais uma forma é gramaticalizada, ou seja, quanto mais ela avança para o "lado direito" do cline, mais ela perde sua autonomia na sentença, e seu significado vai sofrendo alterações. Portanto, nessa visão, a gramaticalização

> configura-se como um processo unidirecional em que uma estrutura mais complexa evolui para uma menos complexa, ou seja, vai-se de um item mais para menos lexical. **Quando um item lexical assume características de um item gramatical, pode-se dizer que essa forma foi gramaticalizada.** (Arruda, 2021, p. 29, grifo nosso).

Nesse sentido, no processo de gramaticalização, há perdas relacionadas ao sentido original da palavra. Antes da transição de *gente* para *a gente*, por exemplo, a forma nominal *gente* possuía um sentido próprio – isto é, *gente* era utilizada apenas como sinônimo de pessoas. Mas agora, quando usada como pronome de primeira pessoa do plural, perde esse sentido, o que confirma a premissa defendida por Arruda (2021) de que quando um item lexical se torna gramatical, ele perde sua autonomia na sentença.

A respeito do traço formal de número, Lopes (2002) afirma que houve uma perda ao longo do tempo. Para a autora, por se tratar de um nome, a forma nominal *gente* apresentava as propriedades necessárias para a subespecificação de número, quer dizer, podia ser usada tanto no singular (*esta gente*) como no plural (*estas gentes*). Ela explica, ainda, que, já no século XVI, há uma ausência significativa do traço de número, mais especificamente 74%. No século XX, a perda desse traço é acelerada, de modo a atingir 100%, comportando-se, dessa maneira, como qualquer outro pronome pessoal (eu, tu/você, ele/ela).

No que se refere ao traço de gênero, com a gramaticalização do substantivo *gente*, Lopes (2002) indica que também houve uma mudança nos traços formais e semânticos de gênero, tendo em vista que

> [...] a especificação positiva de gênero formal [+fem] do substantivo desaparece, tornando-se neutra ([φfem]). No que se refere à interpretação semântica de gênero, o traço [φFEM], que não esclarecia necessariamente o sexo do referente, com a pronominalização passaria a ser semanticamente subespecificado [α FEM]. **A partir dessa mudança de propriedade, a combinação formal no predicativo com formas no masculino e no feminino teria relação direta com o sexo do referente. Entretanto, o fato de a gente pressupor "o falante e mais alguém", ou seja, a noção de pluralidade intrínseca a essa forma, "variante de nós", permite várias possibilidades interpretativas ao se estabelecer a concordância com adjetivo em estruturas predicativas.** (Lopes, 2002, p. 4, grifo nosso).

De modo geral, após o processo de gramaticalização, a forma nominal *gente* passa a se relacionar a adjetivos tanto no masculino quanto no feminino, quer dizer, apresenta, agora, um traço [+ pessoa]. Por essa razão, a autora diz que, por exemplo, "[...] com o masculino, a interpretação é mais neutra. No singular, o referente pode ser um indivíduo do sexo masculino, um grupo misto ou uma referência genérica e abrangente" (Lopes, 2002, p. 4).

Relativo aos mecanismos de gramaticalização, ou melhor, às motivações para que esse processo aconteça, Arruda (2021) evidencia que a perspectiva mais aceita é a de que há uma necessidade comunicacional entre os falantes. Mas, segundo a autora, isso não significa dizer

que a gramaticalização resulta no preenchimento de uma lacuna no sistema linguístico, visto que duas variantes podem coexistir em um determinado momento sem que uma assuma o lugar da outra. É o que acontece com a variante padrão do paradigma de primeira pessoa do plural *nós* (nós/nos/conosco/nosso) e a variante inovadora/não padrão *a gente* e suas variantes, que disputam por um lugar na gramática – a representação da primeira pessoa do plural.

2.2 Implementação de *a gente* no português brasileiro

Com base em uma pesquisa quantitativa, baseada em dados do século XIII ao XX, Lopes (2002) verificou que, apesar de a frequência do uso de *a gente* ser relativamente baixa antes do século XX, as "taxas de mudança[1]" indicam que a implementação da expressão *a gente* no quadro pronominal do português brasileiro iniciou-se nos séculos XVII e XVIII e originou-se da forma nominal *gente*.

Após a análise estatística dos dados, a autora argumenta que,

> [...] **a partir do XVII, um crescimento progressivo de exemplos dessa natureza, o que pode refletir um período de transição entre o uso da forma em questão exclusivamente como substantivo, até então, e o início do emprego mais efetivo como pronome que ocorre a partir do século XIX.** Os casos de leitura dúbia começam a se tornar mais frequentes do século XVI em diante. Esse período transitório instaura-se entre o século XVII e o XIX. Ressalte-se que a ascendência da curva dos casos considerados ambíguos coincide com uma curva descendente do emprego de gente como sinônimo de pessoas (emprego como substantivo). Do mesmo modo, conforme se configura a intensificação do emprego de a gente como forma pronominal do século XIX, a interpretação ambígua deixa de se fazer presente. (Lopes, 2002, p. 2, grifo nosso).

De acordo com a descrição de Lopes (2002), esses dados evidenciam que o uso de *a gente*, enquanto pronome e não substantivo, teve início no século XVII, seguindo até o século XIX, período considerado transitório, ou seja, o intervalo em que a forma nominal *gente* passa por um processo de gramaticalização do nome *gente* para o pronome *a gente*.

Além disso, a autora mostra que, principalmente por volta do século XVI, há frequentes casos em que há uma leitura dúbia – ambígua – do uso da forma *a gente*. Isso significa dizer que não dava para considerar, com certeza, se esse uso era sinônimo de "pessoas" ou se representava a primeira pessoa do plural, ocupando o espaço do pronome *nós*.

Conforme os dados da linguista, o início do emprego mais efetivo de *a gente* como pronome acontece a partir do século XIX – sendo um período decisivo no processo de

[1] Para Lopes (2002), "taxas de mudança" é o mesmo que pesos relativos.

gramaticalização, o que corrobora a visão de que esse estágio de tempo representa a fase transitória. Por esse motivo, a interpretação incerta a respeito da forma nominal *a gente* deixa de se fazer presente.

Nesse sentido, vale destacar, ainda, que somente no século XX o uso de *a gente* se consolida efetivamente como pronome, isso porque, na análise de Lopes (2002), antes disso, mais precisamente entre os séculos XVII e XIX, o uso de *gente*, enquanto substantivo, era mais significativo – isto é, a sua frequência de uso era maior.

Ademais, a pesquisadora defende que "a pronominalização do substantivo *gente* não foi um processo isolado, mas uma conseqüência de uma mudança encaixada lingüística e socialmente" (Lopes, 2002, p. 9). Em síntese, isso significa dizer que se a forma pronominal *a gente* é muito utilizada hoje em dia, é fruto também da avaliação social positiva por parte dos falantes do português brasileiro, porque, do contrário, esse uso não seria tão difundido.

É importante evidenciar que a pronominalização de *a gente* somente foi estabilizada no século XX, quando se instaurou na língua, de modo a manifestar propriedades discrepantes da forma substantiva *gente*. Desse modo, foi implantada pelos falantes ao quadro pronominal do português brasileiro e, consequentemente, passou a concorrer com a forma *nós* por um lugar na gramática, particularmente a referência à primeira pessoa do plural.

2.3 O uso de *a gente* na variedade alagoana

Vitório (2017), em sua pesquisa *A realização dos pronomes nós e a gente na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na cidade de Maceió/AL*, evidencia a existência de pesquisas sociolinguísticas, sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008), voltadas para a descrição de diferentes fenômenos linguísticos variáveis, sendo essas realizadas nos mais diversos níveis, a saber, fonético-fonológico, morfossintático, discursivo e lexical nas mais distintas variedades do português brasileiro.

No entanto, a autora destaca, também, que há regiões do território brasileiro em que tais análises são insuficientes ou até mesmo inexistentes. Além disso, em sua investigação, ela pontua que essa ausência de descrições das variedades linguísticas utilizadas no português brasileiro é mais acentuada no Nordeste, especificamente no estado de Alagoas, no qual os estudos focados na descrição de fenômenos variáveis são mínimos.

No âmbito desse estudo, Vitório (2017) defende que, concernente à variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito, os estudos sociolinguísticos têm evidenciado que *a gente* é a variante preferida – em detrimento da variante conservadora *nós* – pelos falantes das

variedades brasileiras. A pesquisadora acrescenta, inclusive, que essa variação é condicionada por fatores como paralelismo formal e discursivo, determinação do referente, tempo verbal, saliência fônica, preenchimento do sujeito, faixa etária, sexo/gênero e escolaridade.

No que tange à realização do *a gente* pronominal, Vitório (2017) declara o seguinte:

> [...] estudos tendem a mostrar que a forma inovadora é mais frequente quando há menor diferença fônica entre as formas verbais, quando o traço do referente é [+ indeterminado], em formas verbais menos marcadas, **quando o verbo se encontra na terceira pessoa do singular, quando o sujeito pronominal é preenchido, entre os falantes do sexo/gênero feminino, menos escolarizados e nas faixas etárias mais jovens,** configurando-se, assim, uma mudança em progresso nas variedades do português brasileiro. (Vitório, 2017, p. 124, grifo nosso).

Desse modo, pode-se perceber que, nas variedades do português brasileiro, a forma inovadora é a variante mais usada na língua falada, sendo essa variação condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos, a saber, o verbo na terceira pessoa do singular, como em *a gente estuda sintaxe*; quando o sujeito pronominal é preenchido (ou seja, quando ele é realizado na sentença), entre falantes do sexo/gênero feminino e entre falantes menos escolarizados e mais jovens – o que implica dizer que falantes com um nível maior de escolaridade e das faixas etárias mais avançadas optam pelo uso da variante conservadora *nós*.

Ademais, Vitório (2017) mostra que, no que se refere à variação *nós* e *a gente*, os estudos sociolinguísticos já têm mostrado que a variante inovadora *a gente* não só tem ocupado o espaço de *nós* para referência à primeira pessoa do plural na posição de sujeito, mas já começa a assumir as funções tanto de complemento quanto de adjunto, como em construções do tipo *o menino atendeu a gente, a turma gosta da gente, o trabalho da gente foi um sucesso, a professora estava na sala com a gente*.

Ainda de acordo com a autora e seguindo os dados de Omena (1989), em análise à referência da primeira pessoa do plural entre falantes da cidade do Rio de Janeiro, a frequência de uso de *a gente* na função sintática de adjunto adverbial é de 84%, enquanto sujeito e complemento, apresentam, respectivamente, percentuais de 73% e 72%. Entretanto, na função sintática de adjunto adnominal, o percentual é de apenas 14%, o que evidencia a prevalência do uso do pronome possessivo *nosso(a)*, mas o estudo constata que *a gente* já começa a ganhar espaço na competição com as formas do paradigma de primeira pessoa do plural.

Para analisar a variação *nós* e *a gente* na função sintática de sujeito na fala maceioense, Vitório (2017) parte da premissa de que o pronome inovador *a gente* é a variante preferida entre os falantes, além de que tal variação é condicionada pelas seguintes variáveis:

preenchimento do sujeito, determinação do referente, paralelismo formal, marca morfêmica, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade, com o pronome inovador sendo mais frequente nos seguintes contextos, a saber, sujeito preenchido, referente com traço [+ indeterminado], *a gente* antecedido por *a gente*, morfema zero, entre os falantes do sexo/gênero feminino, da faixa etária mais jovem e da escolaridade mais baixa.

Realizada a análise dos dados, Vitório (2017) confirma a hipótese de que a variante inovadora é realmente a preferida na fala dos maceioenses, tendo em vista que, do total de 624 realizações dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito, 524 (84%) são realizações do pronome *a gente*, enquanto apenas 100 (16%) são referentes ao pronome *nós*. Ademais, a autora comprova, também, por meio dos dados obtidos, que o uso de *a gente* na posição de sujeito é mais expressivo, como ocorre nas variedades brasileiras. No que diz respeito aos fatores condicionantes, ela informa: "[...] cinco foram considerados estatisticamente significativos, seguindo a ordem de relevância do GoldVarb X: marca morfêmica, paralelismo formal, preenchimento do sujeito, escolaridade e faixa etária" (Vitório, 2017, p. 126).

Nas funções de complemento e adjunto, a autora mostra que a forma pronominal *a gente* também já ocorre na variedade alagoana, mas a variante conservadora *nós* ainda é a forma pronominal preferida para referência à primeira pessoa do plural. Isso porque, após a análise e rodada dos dados, do total de 128 realizações das variantes dos pronomes *nós* e *a gente* nas funções de não sujeito na fala dos maceioenses, 78 (61%) são referentes ao pronome *nós*, ao passo que 50 (39%) são realizações do pronome *a gente*.

Esses resultados corroboram a hipótese apresentada pela pesquisadora de que a variante inovadora *a gente* preferida na posição de sujeito já começa a se implementar nas funções de complemento e adjunto entre os falantes de Maceió – capital de Alagoas – ainda que não sejam as formas mais usadas entre eles. No que se refere aos fatores condicionantes da variação nessas funções sintáticas, ela declara: "[...] cinco foram considerados relevantes pelo GoldVarb X, seguindo a ordem de relevância do programa: tipos de núcleo, relações gramaticais, paralelismo formal, sexo/gênero e escolaridade" (Vitório, 2017, p. 131).

Sobre as variáveis independentes consideradas relevantes pelo programa computacional, Vitório (2017) verificou que, nas funções de não sujeito, as formas do paradigma de *a gente* tendem a ser mais frequentes no núcleo verbal, na posição de (oblíquo) complemento, sendo favorecido também na função de (oblíquo) adjunto; *a gente* antecedido por *a gente*, entre os falantes do sexo/gênero feminino e menos escolarizados.

Apesar de haver, sim, na variedade alagoana, estudos voltados para a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito, segundo Feitosa e Vitório (2018), ainda há áreas que requerem

uma descrição sistemática dessa variação, como, por exemplo, as regiões Norte e Nordeste do país. Por essa razão, as autoras realizaram uma pesquisa centralizada na variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito no sertão alagoano – tomando por base os problemas de restrição e avaliação linguísticos – com o intuito de ampliar os estudos sociolinguísticos.

No que concerne ao problema de restrição, o foco é desvendar o conjunto de mudanças possíveis e de condições para que essas mudanças aconteçam em uma determinada língua. Ou seja, a ideia é entender quais os fatores condicionantes que interferem no processo de mudança de uma estrutura linguística. Assim, é possível, inclusive, mapear as direções de uma mudança. De acordo com Feitosa e Vitório (2018), para solucionar o problema de restrição, é basilar que o pesquisador elenque grupos de fatores condicionadores – tanto linguísticos como sociais – para o fenômeno linguístico variável em análise.

O problema de avaliação diz respeito ao modo como os falantes da língua avaliam as formas linguísticas em processo de variação/mudança. Analisa a atitude positiva ou negativa do falante perante uma determinada forma variante. É interessante pontuar, ainda, que essa avaliação acontece tanto em relação à forma linguística usada como em relação ao indivíduo que a usa, isto é, o falante que usa uma variante mal avaliada socialmente é também malvisto e, muitas vezes, rotulado como alguém que não sabe falar bem o próprio idioma, quando, na verdade, essa pessoa pode não ter tido as condições mínimas de acesso à educação de qualidade.

Além disso, à luz de Feitosa e Vitório (2018),

> [...] se os falantes fazem uma avaliação positiva de uma dada variante linguística, tanto do ponto de vista de seu valor social quanto de sua carga funcional, a mudança em direção a essa forma tende a ser acelerada. Já se os falantes tiverem uma avaliação negativa, é possível que a mudança seja refreada. (Feitosa; Vitório, 2018, p. 201).

Portanto, pode-se afirmar que a avaliação feita pelos falantes é determinante no processo de variação e mudança linguística de um fenômeno variável. Isso acontece porque, como foi pontuado pelas pesquisadoras, a depender dessa avaliação – se positiva ou não – a mudança pode ser acelerada ou contida.

Feita a rodada dos dados, por meio do programa computacional GoldVarb X, as autoras obtiveram 843 realizações da variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito. Tais realizações foram distribuídas da seguinte maneira: 197 (23%) realizações da forma conservadora *nós* e 646 (77%) realizações da variante inovadora *a gente*. Esses dados revelam

que, na posição de sujeito, *a gente* é a variante preferida para referência à primeira pessoa do plural entre os falantes do sertão de Alagoas.

Os dados da pesquisa de Feitosa e Vitório (2018), ao analisarem a variável marca morfêmica, comprovam, ainda, "[...] o padrão de variação encontrado em outras variedades do português brasileiro que mostra que *a gente* é mais frequente com o verbo na 3PS [2]e que a marca morfêmica que acompanha os pronomes *nós* e *a gente* sujeito é variável.", tendo em vista que "[...] enquanto o morfema *–mos* favorece a realização de *nós* – 80% e um peso relativo[3] (doravante PR) de .98, esse fator tende a inibir a realização de *a gente*, que é mais frequente com o verbo na 3PS, apresentando um percentual de 93% e um PR de .76." (Feitosa; Vitório, 2018, p. 204).

Além disso, as autoras, ao analisarem a variável paralelismo sintático, comprovaram a hipótese de que o pronome *a gente* é mais frequente quando antecedido por *a gente* na mesma sequência discursiva. Isso acontece, porque "[...] enquanto o fator antecedido por *nós* favorece a realização de *nós* – 68% e um PR de .94, esse fator tende a inibir a realização de *a gente*, que é mais frequente no fator antecedido por *a gente*, apresentando um percentual de 95% e um PR de .87." (Feitosa; Vitório, 2018, p. 205). Os dados confirmam que a variante inovadora *a gente* é mais utilizada em situações de paralelismo formal.

A variável escolaridade também foi selecionada e avaliada, na medida em que, para as autoras, "[...] os níveis de escolaridade dos falantes influenciam na forma como fazem uso da fala e da escrita e consideramos quatro fatores: analfabeto, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior." (Feitosa; Vitório, 2018, p. 205). Embora a hipótese básica da pesquisa aponte para a preferência do uso de *a gente* pelos falantes menos escolarizados, os dados mostraram que a variante inovadora *a gente* é a preferida em todos os níveis de escolarização entre os falantes do sertão alagoano.

Todavia, esse uso é mais frequente entre os falantes com um grau de escolaridade maior – exatamente ensino superior –, pois a análise estatística dos dados apresentou "[...] um percentual de 81% e um PR de .66, ao passo que o pronome *nós* tende a ser mais usado entre os falantes analfabetos do sertão de Alagoas, apresentando um percentual de 35% e um PR de .86." (Feitosa; Vitório, 2018, p. 205). Para as autoras, uma das hipóteses para esse resultado é a de que a variante *a gente* não é estigmatizada pelos falantes e, por essa razão, mesmo possuindo nível superior, não se monitoram tanto quanto ao seu uso.

---

[2] Terceira pessoa do singular.
[3] Peso relativo, que, segundo Coelho, I. *et al.* (2021, p. 126), indica o efeito que cada um dos fatores exerce sobre as variantes do fenômeno linguístico analisado.

Em relação ao processo de avaliação dessas variantes linguísticas, as autoras mostram que parte dos falantes universitários do sertão alagoano avalia a variante *nós* positivamente, porque, para eles, essa é a realização considerada formal. O uso de *a gente* apresenta um julgamento neutro, o que significa dizer que, embora o pronome inovador não seja o melhor avaliado entre esse grupo de falantes do sertão alagoano – se comparado ao pronome conservador –, ele não sofre estigma, ou seja, nem a forma nem os falantes são mal avaliados. É importante dizer também que, para os participantes da pesquisa, as pessoas que utilizam na posição de sujeito tanto a variante conservadora como a variante inovadora são consideradas escolarizadas, mas julgam que, por exemplo, quem mais faz uso de *nós* fala bonito.

Além disso, as autoras perguntaram se quem usa *nós* ou *a gente* mora na área rural e/ou na área urbana e concluíram, a partir dos dados obtidos, que tanto *nós* como *a gente* podem ser usados na área urbana e área rural, com os seguintes percentuais: 42% para *nós* e 45% para *a gente*. Em relação a *nós*, elas observaram um percentual maior para a área urbana, 58% *versus* 47% para *a gente*, que também é uma variante que ficou restrita à área rural, apresentando um percentual de 8%, o que não aconteceu com *nós*. Para as autoras, "esse julgamento parece contrário aos dados de produção que mostram que *nós* é mais utilizado pelos falantes analfabetos que tendem a residir em áreas rurais do sertão alagoano" (Feitosa; Vitório, 2018, p. 209).

Ainda sobre o uso de *a gente* na variedade alagoana, Silva e Vitório (2018) focalizam a variação de *nós* e *a gente* nas funções de não sujeito, recorrendo ao banco de dados A Língua Usada no Sertão Alagoano (LUSA), a fim de identificar se a preferência de uso de *a gente* sujeito também se estende para o uso do pronome inovador em outras funções sintáticas. Feita a análise dos dados no programa computacional GoldVarb X, os autores obtiveram um total de 210 realizações dos pronomes de 1PP nas funções de não sujeito, distribuídas da seguinte maneira: 167 (80%) realizações do pronome conservador *nós* contra 43 (20%) realizações do pronome inovador *a gente*. Assim, na posição estudada, o pronome conservador ainda é o mais usado pelos falantes da região do sertão alagoano.

Para os pesquisadores, esses resultados indicam que, nas posições de não sujeito, o pronome inovador ainda está em um processo de uso não tão expandido – se comparado à posição de sujeito. Além disso, os dados mostram um processo de variação no qual o pronome *a gente* em outras funções sintáticas já começa a se implementar na comunidade de fala. Em relação aos fatores condicionantes, foram selecionados estes: sexo/gênero, faixa etária, escolaridade, tipos de núcleo, paralelismo formal e relações gramaticais.

Após a análise dos dados, Silva e Vitório (2018) indicaram que foram selecionadas como significativas apenas duas variáveis: tipos de núcleo e paralelismo formal. Sendo assim, as demais variáveis selecionadas inicialmente foram marcadas como não significativas estatisticamente. Em relação à variável tipo de núcleo, os autores observaram maior ocorrência de *a gente* (70%) contra *nós* (30%) no núcleo verbal; já no núcleo nominal, a maior ocorrência foi de *nós* (91%) *versus a gente* (apenas 9%). Isso implica dizer que o núcleo verbal é favorável ao uso do pronome inovador, ao passo que o núcleo nominal representa um barramento desse pronome, favorecendo a realização do pronome conservador.

Na análise referente à variável paralelismo formal – tendência de o falante usar *a gente* ou *nós* em uma mesma sequência discursiva –, os autores consideraram os seguintes fatores: realização isolada, primeiro da série, antecedido por *a gente* sujeito, antecedido por *a gente* em outras funções, antecedido por *nós* sujeito e antecedido por *nós* em outras funções sintáticas. Após a análise dos dados, houve um alto índice de realização para o pronome *nós* na maioria das sequências discursivas. O único fator que demonstrou favorecimento para a realização do pronome *a gente* nas funções de não sujeito foi o de antecedido por *a gente* em outras funções, com um percentual de 75% para *a gente*, contra 25% de *nós*. Para os autores, isso quer dizer que "há um maior peso relacionado à ocorrência de *a gente* na mesma sequência discursiva na posição de não sujeito" (Silva; Vitório, 2018, p. 192).

Ao analisarem a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas, Souza e Vitório (2021) computaram 429 ocorrências, sendo 241 (56%) realizações de *a gente* contra 188 (44%) realizações de *nós*. Segundo as autoras, esses dados revelam que *a gente* é a variante mais usada para referência à primeira pessoa do plural na comunidade analisada, mas é preciso levar em consideração que houve frequentes realizações da variante conservadora, de modo que a diferença entre elas é relativamente pequena. Além disso, as autoras acrescentam que "a preferência por *a gente* pode estar associada ao comportamento social da comunidade que mantém contato com falantes das regiões circunvizinhas do sertão alagoano" (Souza; Vitório, 2021, p. 127).

De acordo com os dados obtidos, as autoras afirmam que a hipótese do trabalho foi confirmada, tendo em vista que realmente há variabilidade entre as variantes *nós* e *a gente* na posição de sujeito na comunidade da Serra das Viúvas. Ademais, os resultados da pesquisa corroboram a ideia de que *a gente* é a variante preferida nas variedades alagoanas, conforme pontuado por Vianna e Lopes (2015).

Na rodada das variáveis linguísticas e sociais, o programa computacional GoldVarb X selecionou as variáveis paralelismo formal, marca morfêmica, faixa etária, sexo/gênero,

preenchimento do sujeito e determinação do referente como estatisticamente significativas na comunidade pesquisada. Ainda, os dados concluíram que “os contextos que mais favorecem a aplicação de *a gente* são *a gente* antecedido de *a gente*, verbos com marca morfêmica de terceira pessoa do singular, faixa etária mais jovem, sexo/gênero masculino, sujeito nulo e referente indeterminado” (Souza; Vitório, 2021, p. 135). Para as autoras, as variáveis saliência fônica e tempo verbal não foram significativas para a variação.

Na variedade alagoana, há também a descrição de Silva (2023), que focaliza a descrição de *nós* e *a gente* na posição de sujeito na zona rural de Pariconha. Para a análise da variação na comunidade em estudo, a autora utilizou 36 entrevistas da amostra de Silva (2021), obtendo, assim, um total de 783 ocorrências das formas pronominais *nós* e *a gente* na posição de sujeito na zona rural de Pariconha – Alagoas. Destas ocorrências, 533 (68%) são realizações da variante inovadora *a gente*, ao passo que 250 (32%) são realizações da variante conservadora *nós*. Segundo a autora, a distribuição foi considerada, pelo programa computacional R (R CORE TEAM 2018), como estatisticamente significativa.

Os resultados obtidos comprovaram que o pronome inovador *a gente* é a forma mais usada pelos falantes da comunidade analisada. Com relação aos grupos de fatores condicionantes linguísticos e sociais, a autora observou que “a variação *nós* e *a gente* é condicionada pelas variáveis tempo verbal, marca morfêmica, paralelismo formal, saliência fônica, determinação do referente, faixa etária e escolaridade” (Silva, 2023, p. 156), uma vez que essas foram selecionadas como estatisticamente significativas pelo programa computacional R. Os contextos que mais favoreceram a aplicação de *a gente* foram todos os tempos verbais, terceira pessoa do singular, *a gente* antecedido por *a gente*, verbos salientes, referente indeterminado, faixa etária mais jovem e nível de escolaridade superior.

Com esta seção, explica-se tanto a origem e a implementação do fenômeno estudado como também mostra o seu processo de variação na variedade alagoana – na posição de sujeito e nas posições de complemento e adjunto – o que contribui, de forma significativa, para o entendimento deste trabalho. Na seção seguinte, são apresentadas a Sociolinguística Histórica e a metodologia utilizada para a coleta e análise linguística dos dados.

3 APORTE TEÓRICO E METODOLÓGICO

Nesta seção, apresentam-se, de forma sucinta, a Sociolinguística Histórica (Conde Silvestre, 2007), responsável pelo estudo da variação e mudança linguística em sincronias passadas por intermédio de dados escritos e que toma por base a Teoria da Variação e Mudança Linguística, representada pelo linguista norte-americano William Labov (2008); assim como a metodologia usada para a realização do presente trabalho.

3.1 Sociolinguística histórica

Antes mesmo de apresentar a Sociolinguística Histórica, é preciso entender a Sociolinguística – uma das áreas da Linguística responsável pelo estudo da relação entre a língua e a sociedade. A Sociolinguística Variacionista estuda o modo como a sociedade em que vivemos interfere nas questões voltadas para a linguagem. Nesse viés, é necessário compreender, ainda, que a língua não é pronta e acabada, pelo contrário, ela passa por processos de variação e mudança linguística (Coelho *et al*., 2021, p. 11).

Para Coelho *et al*., (2021), "é necessário também entender que a realidade das pessoas que usam a língua – os falantes – tem uma influência muito grande na maneira como elas falam e na maneira como avaliam a língua que usam e, especialmente, a língua usada pelos outros" (Coelho *et al*., 2021, p. 11). Isso significa dizer que há fatores capazes de exercer intervenções na forma como um determinado falante faz uso da língua. Se, por exemplo, um falante alagoano, que nunca saiu de Alagoas, for ao Rio de Janeiro, certamente estranhará como os falantes cariocas usam a língua para expressar uma mesma finalidade. Nesse caso, a estranheza se daria pelas variações linguísticas presentes em cada região do Brasil.

Além disso, há situações de comunicação que requerem um uso mais formal ou menos formal da língua. A maneira como se fala em uma entrevista de emprego, por exemplo, não é a mesma que se fala em casa com os parentes, em um ambiente de menor formalidade. Importa ressaltar, também, que, independentemente de estar no mesmo local, duas pessoas não falam da mesma forma, isto é, não existe um falante de estilo único, pois em contextos diferentes ele se expressará de forma diferente (Labov, 2008).

Na perspectiva de Labov (2008), ainda que a língua seja heterogênea – estruturada e dotada de variabilidade –, essa heterogeneidade é organizada e sistematizada, na medida em que, embora as variações linguísticas existam, os indivíduos de uma comunidade se entendem e se comunicam sem que haja quaisquer problemas de interação. Isso acontece porque a

variação é inerente às línguas e, por essa razão, não compromete o funcionamento do sistema linguístico.

É importante destacar que o objetivo da Sociolinguística é analisar as regras variáveis da língua, regras essas que permitem que, a depender dos contextos linguísticos e sociais, fale-se de uma forma em detrimento de outra. Com os pais, por exemplo, a depender do contexto, fala-se de uma maneira mais formal; com os amigos, de outra, menos formal.

A Sociolinguística Variacionista, proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006), analisa as regras variáveis que permitem aos falantes usarem a língua de acordo com os contextos mais ou menos formais em que se inserem. Entende a língua como um sistema dotado de heterogeneidade que se condiciona a restrições linguísticas e sociais. É seu papel analisar os processos de variação e mudança em comunidades de fala reais em que interagem falantes-ouvintes também reais (Labov, 2008).

A Sociolinguística Histórica (Conde Silvestre, 2007), por sua vez, tem como principal objetivo o estudo da variação e mudança linguística em sincronias passadas por meio de dados escritos, pois, por eles, é possível descrever e explicar os diversos processos de transição e implementação de uma determinada forma variável usada nos dias atuais, além de investigar quais os fatores linguísticos e sociais favoreceram o uso de uma variante no lugar de outra.

Segundo Conde Silvestre (2020), o estudo de Suzanne Romaine intitulado *Socio-Historical Linguistics: Its Status and Methodology* é pioneiro na Sociolinguística Histórica, cujos estudos propõem analisar a variação e mudança linguística em documentos escritos de épocas pretéritas. Ainda na perspectiva do investigador em Linguística Histórica, “no volume se discutem as principais limitações da disciplina e se propõe a alguns dos princípios metodológicos” (Conde Silvestre, 2020, tradução nossa).

Em uma fala virtual, realizada durante o evento Sociolinguística Histórica, Tratamento de Corpora e História do Português Brasileiro para a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), em 2020, Conde Silvestre mostra os princípios e os principais problemas dessa área da Sociolinguística, que se detém ao estudo da relação entre linguagem e sociedade em sua dimensão histórica. Conde Silvestre (2020) menciona o número restringido de documentos escritos do passado como fator limitante ao pesquisador, uma vez que esses dados representam uma linguagem mais formal e sobreviveram por acaso.

Entre as dificuldades da pesquisa em Sociolinguística Histórica, o autor aponta a impossibilidade de acesso a amostras da língua oral e coloquial, dado que a maioria das pessoas que escrevia no passado era mais abastada – ou seja, os menos favorecidos

financeiramente não tinham acesso à escrita epistolar –, dificultando, desse modo, a obtenção de dados voltados para uma linguagem menos formal.

Ademais, para o autor, a incidência do fator tempo influencia diretamente na disponibilidade de material para o sociolinguista, como, por exemplo, a ausência de amostras linguísticas procedentes de todos os membros de uma comunidade, sendo mais difícil a representação de mulheres e falantes de classes inferiores (Conde Silvestre, 2020).

Embora tenham existido questionamentos a respeito da validez universal dos contextos e dados sobre os quais a Linguística Histórica foi construída, como: textos escritos, textos orientados com a finalidade de passar uma mensagem, textos de função informativa; Conde Silvestre defende que a Linguística de *Corpus* "facilita a reconstrução e/ou o reconhecimento de padrões de variabilidade interna em textos" (Conde Silvestre, 2020, tradução nossa).

Logo, ainda que existam limitações, é possível, por meio do uso de um *corpus* especializado – cartas pessoais, diários, sermões, proclamações, transcrições judiciais e diálogos teatrais –, estudar fenômenos de variação e mudança linguística, isso porque, para Tuten e Tejedo (2011), esses textos apresentam uma linguagem que favorece o acesso a amostras de uma língua oral e coloquial, de modo que as características e relações sociais, tanto do escritor como do leitor, são suscetíveis de identificação (Tuten; Tejedo, 2011, p. 288, *apud* Conde Silvestre, 2020, tradução nossa).

A fim de distinguir a Sociolinguística Variacionista da Sociolinguística Histórica, Conde Silvestre (2007) afirma:

> [...] a linguística descritiva analisa e descreve o modo em que opera a linguagem e tem como correlação prática a descrição de uma língua, quer dizer, o estudo do seu funcionamento em uma comunidade de falantes no momento atual. A linguística histórica estuda o desenvolvimento das línguas no curso do tempo e presta especial atenção aos modos em que estas mudam e as condições das mudanças. (Conde Silvestre, 2007, p. 22, tradução nossa).

Sendo assim, a principal diferença entre a Sociolinguística Variacionista e a Sociolinguística Histórica é o fato de a segunda estudar o desenvolvimento das línguas a partir de dados do passado, de modo a não apenas reconstruir todo o trajeto de variação e/ou mudança linguística de uma dada forma variável como também traçar os modos que condicionaram tais mudanças – os fatores linguísticos e extralinguísticos que favoreceram este processo –, ao passo que a Sociolinguística Variacionista seria uma linguística sincrônica.

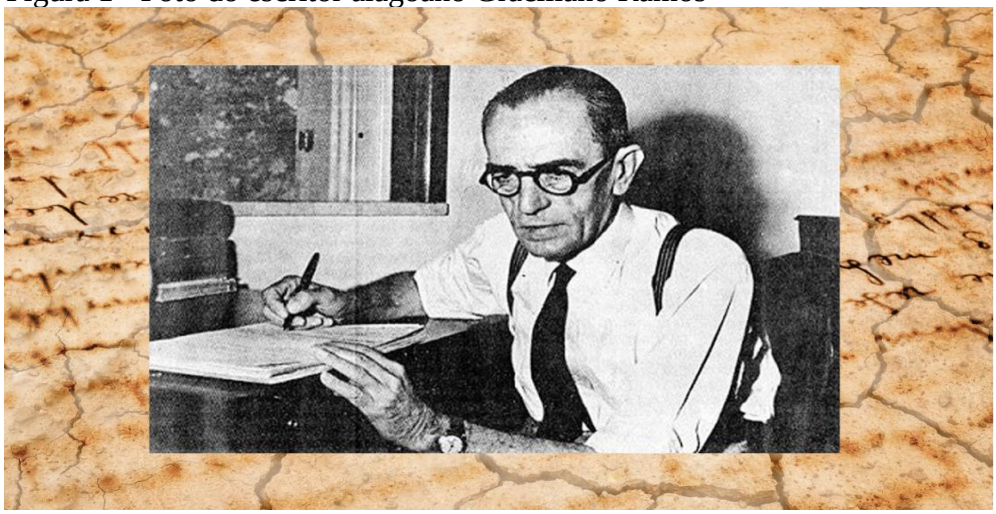
3.2 Metodologia da pesquisa

Para o desenvolvimento desta pesquisa, leva-se em conta a Sociolinguística Histórica (Conde Silvestre, 2007), que tem como principal objetivo a descrição e a explicação de fenômenos de variação e mudança linguística que ocorreram no passado, por intermédio da utilização de análise variacionista (Labov, 2008). Para as análises de processos de variação em sincronias passadas, a Sociolinguística Histórica faz uso de amostras de língua escrita, tendo em vista que, referente ao passado, contam-se apenas com registros escritos, sendo a única fonte de dados disponível ao linguista. É válido pontuar que os contextos social, cultural e histórico são levados em consideração na análise.

Além disso, importa frisar que a Sociolinguística Histórica está interessada em rastrear o percurso da mudança, focalizando nos fatores que motivaram as escolhas das formas linguísticas. Nesse contexto, parte do presente para o passado, ou seja, atualmente, o uso de *a gente* na fala é a variante preferida (Vianna; Lopes, 2015), mas para entender como ocorreu o processo de implementação e transição de *a gente*, bem como quais fatores linguísticos e sociais favoreceram esse processo, analisam-se dados escritos no passado. Para isso, recorre-se às missivas pessoais do escritor alagoano Graciliano Ramos.

Nascido na cidade de Quebrangulo, agreste de Alagoas, em 27 de outubro de 1892, Graciliano Ramos, conforme figura 1, é um dos maiores escritores brasileiros e pertencente à segunda geração modernista ou geração de 30, período equivalente a 1930-1945. No que diz respeito ao autor e sua obra, Heloísa Ramos (2011, p. 6) resume: “O escritor, cidadão que viveu o seu tempo e sobre ele opinou de maneira tão particular, deu-se generosamente a todos através de sua obra de criação, cada vez mais atuante, estudada não apenas no Brasil, mas também nos muitos países onde está publicada”.

Figura 1 - Foto do escritor alagoano Graciliano Ramos



Fonte: Jornal do Campus (2020). Disponível em: https://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2020/10/graciliano-ramos-vida-e-obra-do-romancista-alagoano/. Acesso em: 22 jun. 2023.

Para a realização deste trabalho, utiliza-se uma amostra diacrônica composta de 112 cartas pessoais escritas na primeira metade do século XX. As cartas estão organizadas por anos de publicação em Ramos (2011) – o que facilitou a feitura da pesquisa – e foram endereçadas a destinatários distintos, a saber, mãe, pai, amigo, irmãs, namorada, cunhado, esposa e filho, conforme quadro 1. As missivas constituem "uma fonte documental direta" (Ramos, 2011, p. 6) e seguem o padrão composicional que ancora o gênero carta pessoal: local, data, vocativo, captação de benevolência, corpo do texto, despedida e assinatura.

Quadro 1 - Estratificação das cartas pessoais de Graciliano Ramos

Décadas	Quantidade de cartas	Destinatários + nº de cartas
1910 (1910 – 1915)	29 cartas	mãe – 5 cartas pai – 7 cartas irmãs – 8 cartas amigo – 8 cartas mãe e irmãs – 1 carta
1920 (1920 – 1928)	12 cartas	amigo – 5 cartas namorada – 7 cartas
1930 (1930 – 1938)	64 cartas	amigo – 1 carta pai – 5 cartas esposa – 56 cartas cunhado – 1 carta filho – 1 carta
1940 (1940 – 1952)	7 cartas	filho – 4 cartas esposa – 1 carta irmã – 1 carta filhos – 1 carta

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A escolha do gênero carta se deve ao fato de que a correspondência, além de servir como meio de comunicação entre pessoas distantes, registra as memórias e as condições de vida (aspectos sociais) de uma época, servindo como fonte de estudos linguísticos e sócio-históricos (Berlinck, Barbosa e Marine; 2008).

De acordo com Gastaud e Costa (2018), por intermédio das cartas, ferramenta de comunicação em que os agentes da interação comunicativa – remetente e destinatário – conseguem estabelecer relações de proximidade/intimidade, é possível captar as características intrínsecas à pessoa que as escreve, isso porque, para as autoras, as folhas podem, inclusive, refletir as emoções do escritor (Gastaud; Costa, 2018, p. 14).

A hipótese básica é a de que o missivista – por caracterizar-se como uma pessoa ilustre

na sociedade e com alto nível de letramento – utilizará mais as variantes padrão do paradigma de primeira pessoa do plural, *nós/nos/conosco/nosso*. Todavia, espera-se também que haverá a realização da variante inovadora *a gente*, principalmente na posição de sujeito, com as variáveis determinação do referente, função sintática, década, interlocutor, subgênero da carta, tema da carta e sexo do destinatário sendo relevantes no uso de *a gente* nas cartas do autor, o que revelará traços da gramática da língua na variedade alagoana.

Após a análise linguística dos dados, observa-se que, nas missivas analisadas, há pouca realização de *a gente* (43 realizações) e, por essa razão, opta-se por uma abordagem qualitativa dos dados. Segundo Flick (2007), a pesquisa de cunho qualitativo acontece no mundo real, a fim de compreender, descrever e, também, explicar fenômenos sociais, a partir de seu interior e de diferentes formas. Ele descreve, ainda, que tais formas incluem, entre outras, a análise de documentos, como textos, imagens, filmes ou música.

Para a análise descritiva dos dados, toma-se por base a década de escrita das cartas pessoais de Graciliano Ramos. Além disso, realiza-se a leitura das cartas levando em consideração os fatores linguísticos e sociais capazes de interferir no processo de escolha no uso da variante inovadora *a gente*, como relação social, década na qual a carta foi escrita, interlocutor, subgênero da carta, tema da carta, sexo do destinatário e traço do referente.

Para a análise da relação social, considera-se o nível de intimidade entre o remetente e seus destinatários. Como boa parte das cartas é endereçada a seus familiares (mãe, pai, irmãs e filhos), a espontaneidade presente nas missivas é maior, o que pode favorecer os novos usos linguísticos, pois "a carta pessoal, por proporcionar uma relação mais próxima entre os interlocutores e por circular na esfera privada, é menos monitorada e mais espontânea" (Alves Filho; Gomes, 2019, p. 30), isso porque o nível de proximidade entre os agentes do discurso pode, ou não, determinar o uso de uma forma linguística. Por essa razão, o interlocutor também importa, na medida em que, se a carta é para seu pai, a tendência é que haja um nível de intimidade diferente do que se for para seu cunhado.

A década na qual a carta foi escrita é selecionada como um condicionante social, porque, por exemplo, em 1910, ainda início do século XX, em que há um uso maior de *(a) gente* enquanto substantivo, a justificativa é a de que o pronome inovador tenha sido implementado e inserido nas variedades brasileiras recentemente. A análise foi dividida em décadas – 1910, 1920, 1930 e 1940 – para acompanhar esse processo, percebendo, desse modo, se há ou não um aumento no uso de *a gente* ao longo das décadas.

Além disso, nas missivas de Graciliano Ramos, o gênero carta pessoal está dividido em três subgêneros, sendo cartas de família, cartas de amigo e cartas de amor. No que se

refere ao tema das cartas, por sua vez, há uma variação de maior e menor formalidade, ou seja, algumas cartas são mais formais e, outras, menos, tendo em vista que, se, por exemplo, o assunto abordado no corpo do texto é político, consequentemente, há um nível maior de formalidade, mas quando o tema é a rotina do missivista, há menos formalidade.

Referente à análise do sexo do destinatário, busca-se verificar se o fato de a carta ter sido escrita para um homem ou uma mulher interfere no uso de *a gente*, considerando que na implementação de *a gente* as mulheres são mais inovadoras (Vitório, 2017). Quanto à determinação do referente, o propósito é perceber se, nas cartas de Graciliano Ramos, o uso de *a gente* possui traço semântico com um grau elevado de inclusão do "eu" [+ determinado] ou um grau mínimo de inclusão do "eu", isto é, um uso mais genérico [+ indeterminado].

Com esta seção, entende-se tanto a Sociolinguística Histórica – área do conhecimento dedicada ao estudo do fenômeno em questão em sincronias passadas – como também descreve a metodologia utilizada nesta pesquisa, o que contribui para o entendimento de como os dados são analisados. Na seção seguinte, é apresentada a análise e a descrição dos dados referentes ao uso de *a gente* nas cartas de Graciliano Ramos.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, é contemplada a análise dos dados – relativa ao uso de *a gente* nas missivas de Graciliano Ramos. Para isso, analisam-se, nas cartas do ilustre escritor alagoano, os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem condicionar a realização dessa variante: relação social, década na qual a carta foi escrita, interlocutor, subgênero da carta, tema da carta e sexo do destinatário, bem como o traço de referente de *a gente*.

4.1 O uso de *a gente* nas cartas

Inicialmente, é importante destacar o fato de Graciliano Ramos ser uma pessoa ilustre na sociedade e possuir alto nível de letramento, o que resulta a hipótese de que, em suas cartas, predominem as variantes padrão do paradigma de primeira pessoa do plural – *nós/nos/conosco/nosso*. Todavia, acredita-se também que haverá a realização da variante inovadora *a gente*, principalmente na posição de sujeito, tendo em vista que o gênero carta proporciona ao remetente o uso de uma linguagem mais próxima da fala, na medida em que o conteúdo é mais espontâneo e menos monitorado. A depender da relação social, por exemplo, o nível de intimidade entre os interlocutores varia, passando de uma escrita [+ formal] para uma escrita [- formal], o que pode contribuir para os novos usos linguísticos variáveis.

Após a leitura das 112 missivas, observa-se que apresentam uma escrita mais formal, mais monitorada. Há uma adequação às normas gramaticais vigentes naquela época, que é natural, considerando a posição social do escritor, conforme pontua Silva (2022). No entanto, nas primeiras cartas de Graciliano Ramos, nota-se que há o uso de *(a) gente* tanto como substantivo – uso muito comum antes do processo de transição de *gente* para *a gente*, como (1) e (2), quanto como pronome de primeira pessoa do plural, como (3) e (4) – em que o primeiro apresenta a realização da variante *a gente* com o traço semântico determinado, e o segundo, com traço semântico indeterminado.

(1) “Já não há em teu espírito uma recordação ao menos desta boa terra onde a maior parte da *gente* gosta de cavalgar nosso humilde nariz, quando tomamos cerveja? É por isso, é por causa do inconveniente hábito de montar nas ventas do próximo, que alguns indivíduos aqui se chamam cavalcantes.” (C7 / Carta para J. Pinto, datada de 2/2/1914).

(2) “Agora está sendo traduzido para brasileiro, um brasileiro encrencado, muito diferente desse que aparece nos livros da *gente* da cidade, um brasileiro de matuto, com uma quantidade enorme de expressões inéditas, belezas que eu mesmo nem suspeitava que existissem.” (C67 / Carta para Heloísa Ramos, datada de 1/11/1932).

(3) “Estive, há dias, a palestrar com essa criatura que te prende. Falamos de ti longamente. Parece que guarda recordações tuas. Não sei. O melhor é abandonar tudo isso e meter-se *a gente* em casa a fazer contos e a fazer versos, quando se pode, já se vê, quando a imaginação vagabunda não anda a voar à toa, de rua em rua. (C8 / Carta para J. Pinto, datada de 8/2/1914).

(4) “Então, essa desgraça de que falam... Clodoaldo... Não tenho coragem de escrever. *A gente* faz sempre esforços para não acreditar nas notícias más. E eu tenho razão para fazer um bando de perguntas.” (C28 / Carta para Sebastião Ramos, datada de 6/8/1915).

Mesmo sendo considerado ilustre, houve 43 realizações da variante inovadora *a gente*, sendo a primeira realizada na década de 1910, na carta 8, endereçada ao amigo J. Pinto, em 8 de fevereiro de 1914, conforme exemplo (5), o que também pode significar uma avaliação social positiva de *a gente* já em 1914. Essa primeira realização do pronome inovador *a gente* apresenta o traço semântico mais indeterminado.

(5) “Lendo a terceira parte desta carta, facilmente verás que (eu não disse senão verdades) mordi regularmente, não obstante me faltarem dois incisivos, o que me tem causado um desespero dos diabos. *A gente* não ter dentes é a pior coisa do mundo.” (C12 / Carta para o amigo, datada de 20/7/1914).

Na década de 1910, há 29 cartas destinadas à família de Graciliano Ramos, sua mãe, pai, irmãs e ao seu amigo J. Pinto. Em 12 dessas missivas, há a realização da variante inovadora *a gente*. Das cartas desse decênio, oito são destinadas a J. Pinto, amigo muito próximo do autor, fato que se comprova pela intimidade perceptível nas correspondências direcionadas a ele, em que a temática varia de assuntos simples, do dia a dia, até a obtenção de informações mais importantes, políticas. A propósito, dessas oito cartas enviadas a J. Pinto, observa-se a presença da variante inovadora *a gente*, como (6) e (7), em quatro missivas, isto é, na metade delas. O primeiro exemplo ocorre com o traço semântico de *a gente* mais

determinado, e o segundo, indeterminado.

(6) “Imagina que lá esteve o pessoal do Oásis. E *a gente* ia ficando lá até três e meia da madrugada, presa pelas leis da atração, as leis que eu conheço, que tu conheces, que nós todos conhecemos.” (C9 / Carta para o amigo, datada de 18/2/1914).

(7) “Se ela soubesse que tu tinhas dito que a tinha beijado, madava-te às favas. É uma grande coisa *a gente* escrever versos em francês... Está magnífica! Cada vez mais lânguida, com aquele ar sorna e velhaco de quem tem preguiça até de falar [...]” (C11 / Carta para o amigo, datada de 13/4/1914).

Especificamente entre o período de 1914 – 1915, todas as cartas são endereçadas à família de Graciliano Ramos. Aqui, há um total de 16 cartas, sendo sete destinadas à sua irmã Leonor; quatro, à sua mãe e quatro ao seu pai; apenas uma das cartas é destinada à sua irmã Otalícia. Há a ocorrência da variante inovadora *a gente* em nove dessas cartas. Essas realizações podem ser relacionadas ao fato de que são cartas para a família, em que a comunicação é ainda mais espontânea, graças à intimidade dos participantes do discurso, fato que favorece o aparecimento da variante *a gente*.

Não obstante, o tema das cartas, nesse cenário, também importa: lembranças da família, troca de informações a respeito do seu bem-estar e de seus familiares. Em (8) e (9), tem-se o uso de *a gente* na posição de sujeito em cartas destinadas a Sebastião, pai de Graciliano Ramos, e à sua irmã Leonor. No primeiro caso, apresenta-se o traço semântico indeterminado e, no segundo, mais determinado.

(8) “Um sargento de exército não pode fazer nada. Mas são bons amigos, não tem dúvida. Ao menos *a gente* sabe que eles não podem ter intenção de explorar-nos, porque nada temos. Também nós não podemos explorá-los.” (C26 / Carta para seu pai, datada de 24/5/1915).

(9) “Também me desgosta saber que o sujeito da *Concórdia* exigiu um retrato meu e umas notas sobre minha pessoa. É uma coisa extremamente desagradável, principalmente quando *a gente* não tem retrato e vive encolhido no seu canto, com medo de aparecer” (C27 / Carta para Leonor, datada de 10/7/1915).

É pertinente salientar que, em algumas cartas, o missivista alterna entre as variantes *nós* e *a gente* como se pode observar em (8). Além disso, nota-se a alternância entre as

variantes que disputam a representação da primeira pessoa do plural nas missivas de Graciliano Ramos nos exemplos (10) e (11). Essas realizações, que trazem o traço semântico mais determinado, foram retiradas da carta de nº 19, na qual Graciliano Ramos relata a seu pai toda a sua infelicidade por não ter podido estar com ele enquanto esteve doente e também sobre seu trabalho, mas sem muita formalidade, já que o destinatário é seu pai, um homem humilde que trabalhava como negociante miúdo – descrição do próprio missivista.

(10) "Apesar de todas as intriguinhas que *nos* cercam, há alguns companheiros que parecem bons. Entre eles, conheço um velho, um português paupérrimo com quem trabalho sempre, boa criatura com quem me entretenho em longas palestras e que lamenta que indivíduos mais ou menos preparados como *nós*" (C19 / Carta para seu pai, datada de 9/1/1915).

(11) "Em uma palavra, malgrado todas as dificuldades que tenho encontrado, acho melhor trabalhar numa banca de revisão que num balcão. É que *a gente* pode ter a consciência tranquila quando trabalha. E eu aí havia de ser sempre preguiçoso." (C19 / Carta para seu pai, datada de 9/1/1915).

Destacam-se essas realizações, pois, embora haja essa relação de intimidade entre os interlocutores, é curioso que Graciliano Ramos, um escritor ilustre e que domina o modelo de escrita padrão vigente, já registre em suas missivas esse processo de variação que ocorre entre variante conservadora *nós*, como (10), e variante inovadora *a gente*, como (11). Esses dados corroboram a hipótese de que, em cartas direcionadas a familiares, em que há uma relação mais próxima, a tendência é optar por variantes não conservadoras, mas não estigmatizadas.

Nas missivas analisadas, há também a realização de *a gente* na posição de complemento, exemplo (12), retirado da carta de nº 90, destinada à Heloísa Ramos, bem como na posição de adjunto, como (13), retirado da carta de nº 18, endereçada à Maria Amélia, sua mãe, o que confirma que, embora a maioria das realizações da variante inovadora *a gente* nas cartas pessoais de Graciliano Ramos esteja na posição de sujeito [+ verbo na terceira pessoa do singular em todas as ocorrências], ela já ocorria em outras funções sintáticas. Além disso, ambos os exemplos apresentam o traço semântico mais indeterminado, mais genérico.

(12) "Desemboquei no Largo de S. Francisco e vi com rancor aquele troço de esperar bonde que ali botaram para martirizar *a gente* em dias de chuva e que ontem me fez

tanta raiva.” (C90 / Carta para Heloísa Ramos, datada de ?/?/1937).

(13) “O que eu senti muito foi a morte de Micado. Pobrezinho! Tão bom, tão feio, tão amável para com *a gente*!” (C18 / Carta para sua mãe, datada de 18/12/1914).

Em relação às cartas referentes à década de 1920, a amostra conta com 12 missivas. As cinco primeiras são cartas de amigo, destinadas a J. Pinto e as outras sete, à Heloísa, sua namorada à época, constituindo, dessa forma, cartas de amor. A respeito das cartas de amigo, observa-se a ocorrência da variante inovadora *a gente* em três delas. Em (14) e (15), os exemplos são retirados das cartas de nº 30 e 34, ambas endereçadas a J. Pinto, em que há o uso da variante inovadora. No primeiro exemplo, a variante inovadora apresenta o traço semântico mais determinado, já, no segundo, indeterminado.

(14) “[...] sim, tenho visto alguns artigos de crítica literária no *Correio*, assinados M.L. Não te direi se os acho bons, que, afastado como vivo das coisas da inteligência, minha opinião no assunto, embora fosse a mais lisonjeira possível, causaria riso, talvez, a vocês outros que aí vivem. É magnífico *a gente* conhecer-se.” (C30 / Carta para o amigo, datada de 10/5/1921).

(15) “Foi realmente Paulo que me contou tudo aquilo. Tens uma penetração imensa. Senti um grande desgosto quando o encontrei – não o reconheci. Como *a gente* envelhece!” (C34 / Carta para o amigo, datada de 18/8/1926).

É relevante indicar, ainda, nessas cartas, que o missivista sente a falta de seu amigo e demonstra certa insatisfação por não receber mais cartas dele. Nessa perspectiva, a variação pode ser condicionada pela variável relação social, isso porque a convivência entre Graciliano Ramos e seu amigo J. Pinto é de intimidade que permite uma escrita menos policiada. Em uma conversa entre amigos, a linguagem usada é menos formal, ou melhor, é mais espontânea e como o gênero carta favorece essa espontaneidade, o uso da variante inovadora *a gente*, em detrimento da conservadora *nós*, pode ser favorecido.

Nas cartas de amor, destinadas à Heloísa Ramos, percebe-se a presença predominante da variante conservadora, de modo que há apenas uma ocorrência da inovadora *a gente*, que ocorre na posição de adjunto e apresenta o traço semântico indeterminado, como se pode observar no exemplo (16):

(16) “Causaste uma perturbação terrível no espírito dum pobre homem que nunca te fez mal nenhum. Isto com certeza te dará alegria, porque todas vocês gostam de rasgar o coração *da gente*. Com esses modos românticos, esse rosto de santa que desce do altar, és uma fera.” (C36 / Carta para Heloísa, datada de 18/1/1928).

Devido à intenção de conquista presente no início do namoro, nas cartas desse subgênero, Graciliano Ramos faz uso, em sua maioria, da variante conservadora. Há, aqui, um esforço para impressionar Heloísa por intermédio da escrita, uma vez que ele está distante, e não há outros meios de conquistá-la, senão, graças ao charme que uma escrita bem-elaborada permitia e ainda permite, principalmente em um tempo no qual dominar a escrita era privilégio de poucos. Desse modo, a relação social (com sua namorada/ noiva), o subgênero da carta (de amor) e o tema (em geral, de conquista) fazem com que o escritor se monitore ainda mais e procure ao máximo fazer uso apenas da variante padrão, fato que pode ser relevante para a quase ausência da variante não padrão *a gente* nas cartas de amor.

São 64 as cartas escritas na década de 1930, sendo a maioria – 56 – destinada à Heloísa, agora sua esposa, configurando-se, portanto, em cartas de casal. Aqui, diferentemente das cartas de amor, a temática é mais voltada para a vida a dois, para o cotidiano do casal, desde assuntos mais tranquilos a estresses do trabalho e notícias sobre os filhos, por exemplo. As demais cartas são enviadas aos familiares, sendo cinco ao pai, uma ao cunhado, uma a um dos filhos. Além disso, há uma carta endereçada ao amigo J. Pinto.

Há a realização da variante inovadora *a gente* em 17 dessas cartas, sendo 16 destinadas à Heloísa e, a outra, ao pai de Graciliano Ramos. Como o missivista geralmente escrevia sobre o seu trabalho, ele se monitorava a escrever o mais de acordo com a norma-padrão possível, elegendo a variante *nós*, mas como sua esposa era a destinatária – com quem mantinha uma relação de bastante intimidade –, ainda assim, ele fazia uso da variante não padrão. Veja-se, em (17), o uso da variante inovadora *a gente* nas cartas de casal:

(17) “D. Heloísa fala sempre em você. Estive em casa dela há pouco, uns minutos para descansar o espinhaço moído desta posição horrível. Não admira que *a gente* fique velho e corcunda antes de tempo.” (C68 / Carta para a esposa Heloísa, datada de ?/11/1932).

Na carta 68, como (17), o missivista mostra-se preocupado com a gravidez de sua esposa, além de comentar as dificuldades que é trabalhar sentado o tempo inteiro. O gênero

carta dá ao escritor essa liberdade de escrever como se estivesse cara a cara com o destinatário, assemelhando-se a uma conversa cotidiana, ou seja, que não carece de tanta formalidade. Essa ausência de monitoração da escrita favorece o uso da variante inovadora *a gente*. Esse exemplo também mostra um uso dessa variante com traço semântico indeterminado.

A década de 1940 conta com seis cartas, sendo quatro destinadas ao filho Junio Ramos; uma à esposa e outra à Marili, irmã do escritor, nas quais não há realização da forma inovadora, embora a temática seja cotidiana. Novamente, aqui, Graciliano Ramos escreve sobre o seu dia a dia, dá conselhos a seu filho, informa sobre o processo de escrita e como vão as vendas dos seus livros.

Importa ressaltar que, nesse período, o missivista já está consolidado escritor, frequentou lugares notáveis, onde teve contato com importantes escritores com quem conversou – Jorge Amado, por exemplo –, o que poderia explicar a preferência pela variante conservadora. O contato com outras pessoas ilustres pode fazer com que o missivista se monitore mais, ou seja, se adeque ao meio em que está inserido, deixando a variante *a gente* de lado. Por fim, na amostra, há apenas uma carta referente à década de 1950. Essa missiva é destinada aos seus filhos (Clara, Luísa e Ricardo Ramos), e não há realizações da variante inovadora.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo teve como principal objetivo analisar como ocorreu o espraiamento de *a gente*, identificar o percurso histórico da mudança e verificar as implicações de condicionamentos linguísticos e sociais nas cartas pessoais do escritor alagoano Graciliano Ramos. Nesse contexto, procurou-se demonstrar que a amostra escolhida para a pesquisa constitui um material rico e relevante aos estudos de variação e mudança linguística, isso porque contribui para a ampliação dos estudos sociolinguísticos de *nós* e *a gente* na variedade alagoana, em uma perspectiva diacrônica.

No que diz respeito à metodologia, não foi possível realizar a análise estatística, na medida em que o número de dados obtidos da variante inovadora foi muito pequeno (apenas 43 realizações da variante *a gente* em 112 cartas analisadas). No entanto, na análise qualitativa dos dados, não só foi possível notar a presença de *a gente* na escrita estudada, como também constatar que já ocorria em outras funções sintáticas além da de sujeito, a saber, complemento e adjunto. Nessa perspectiva, corrobora-se a ideia de que, embora o missivista fosse ilustre na sociedade e possuísse alto nível de letramento, isso não o impediu de fazer, ainda que em menor número, uso da variante inovadora *a gente*.

As realizações de *a gente* estão relacionadas à década em que a carta foi escrita, uma vez que, nas cartas iniciais, há um maior uso de *(a) gente* enquanto substantivo, e, depois, o uso da forma pronominal *a gente* se intensifica; ao tipo de interlocutor, levando em consideração que, nas cartas destinadas à Heloísa, principalmente no início do namoro, o escritor se monitora mais, de modo a fazer uso quase exclusivamente da variante conservadora. O subgênero da carta também é considerado na análise descritiva, porque há uma diferença no uso dos pronomes de primeira pessoal do plural entre cartas de amor e cartas de casal – em que Graciliano Ramos já faz uso da variante *a gente*, já que os assuntos eram mais cotidianos, e não de conquista, como nas cartas de amor, nas quais há apenas uma realização de *a gente*.

Ademais, o tema das cartas também foi relevante para o uso ou não da variante inovadora *a gente*, tendo em vista que em temas voltados para a política daquele período há um uso considerável da variante conservadora. Entretanto, quando o tema era voltado para a vida cotidiana e o bem-estar familiar, Graciliano Ramos se monitorava menos, contribuindo, assim, para a realização da variante inovadora. O sexo do destinatário, por sua vez, também parece ser relevante na realização da variante inovadora *a gente*, considerando as realizações da variante *a gente* em cartas destinadas à sua mãe, às suas irmãs e à sua esposa.

No que se refere ao traço semântico de referente, é possível constatar que há ocorrências de *a gente* tanto com o traço determinado como indeterminado, sendo este mais recorrente. É importante frisar, ainda, que o fato de Graciliano Ramos fazer uso da variante inovadora em suas correspondências pessoais já em 1914 – ano da primeira ocorrência de *a gente* enquanto pronome no *corpus* estudado – é um indício de que, na língua falada daquela época, o uso de *a gente* já era aceito pela sociedade, ou seja, já havia uma avaliação social positiva da variante inovadora. Isso pode indicar que ela não era estigmatizada pelos falantes da comunidade a qual o escritor pertenceu, justificando, assim, as ocorrências nas cartas de um escritor renomado e com nível elevado de letramento.

Assim, a hipótese básica deste trabalho foi confirmada, pois Graciliano Ramos, por ser escritor e ter domínio da língua escrita vigente naquele período, de fato, utilizou mais as variantes padrão do paradigma de primeira pessoa do plural, mesmo tendo usado a variante inovadora *a gente* em contextos nos quais a relação social era de mais intimidade – isto é, havia entre remetente e interlocutor maior nível de proximidade. Além disso, em sua maioria, as realizações de *a gente* nas cartas analisadas assumem a posição de sujeito. Vale ressaltar que a variante *a gente* ocorre sempre com o verbo na terceira pessoa do singular.

Por fim, oferece-se mais uma descrição sobre o uso de *a gente* na variedade alagoana, bem como indica-se a realização de mais pesquisas no âmbito da Sociolinguística Histórica, de modo a ampliar os estudos nessa área, permitindo traçar melhor o percurso de variação e mudança linguística. Espera-se, com isso, que a comunidade brasileira entenda que língua e sociedade andam lado a lado, ratificando, dessa maneira, a premissa de que a variação é inerente às línguas e, por isso mesmo, não afeta o funcionamento do sistema linguístico nem a comunicação entre os falantes. Assim sendo, a realidade social de cada falante é determinante para, por exemplo, fazer uso de uma dada forma linguística no lugar de outra.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, S.; GOMES, V. Cartas de amigo: historicidade e tradição nas correspondências de Joaquim Nabuco (1872-1909). Rio de Janeiro: **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, n. 48, p. 24, 2019.

ARAÚJO, S.; ALMEIDA, R. A forma possessiva da gente em comunidades rurais do semiárido baiano. *In*: ALMEIDA, N.; CARNEIRO, Z. (Org). **Variação linguística no semiárido baiano**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.

ARRUDA, C. **A gramaticalização do pronome a gente**: um percurso através de cartas pessoais familiares. Campinas: IEL/UEC, 2021.

BERLINCK, R.; BARBOSA, J.; MARINE, T. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. **Revista Abralin**, v. 7, n. 2, p. 169-195, jul./dez. 2008.

COELHO, I. *et al*. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2021.

CONDE SILVESTRE, J. **Sociolingüística Histórica**. Madri: Gredos, 2007.

CONDE SILVESTRE, J. Sociolingüística Histórica: problemas, principios y direcciones de investigación. *In*: ABRALIN. Sociolinguística Histórica: tratamento de corpora e história do português brasileiro. **Canal da Abralin**, 2020.

FEITOSA, J.; VITÓRIO, E. Variação nós/a gente no sertão alagoano: restrição e avaliação. **Revista A Cor das Letras**, v. 19, p. 199-211, 2018.

FLICK, U. Introdução à pesquisa qualitativa. *In*: OLIVEIRA, V.; PAIVA. **Manual de Pesquisa em Estudos Linguísticos.** São Paulo: Parábola, 2019.

GASTAUD, C.; COSTA, B. Apontamentos sobre cultura escrita e práticas epistolares. **Revista CEM**, n. 8, p. 13-23, 2018.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, C. A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. **Fórum Lingüístico**, Florianópolis, v. 4, n.1, 2004, p. 47-80.

LOPES, C. De gente para a gente: o século XIX como fase de transição. *In*: ALKMIM, T. (Org.). **Para a História do Português Brasileiro** – Novos Estudos. São Paulo: Humanitas, 2002, p. 25-46.

LOPES, C. O quadro dos pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 19. n. 30, 2012.

LOPES, C. Pronomes pessoais. *In*: VIEIRA, S.; BRANDÃO, S. (orgs.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2011.

MARCOTULIO, L.; PINHEIRO, I.; ASSIS, D. A relação entre pesquisa e ensino: o quadro de possessivos do português. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 51, p. 239-260, 2015.

MEILLET, A. A evolução das formas gramaticais. **Ronai**, Juiz de Fora, v. 5. n. 1, p. 26-37, 2017.

OMENA, N. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. *In*: SILVA, G. O.; SCHERRE, M. (orgs). **Padrões sociolinguísticos**: estudos de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1996.

OMENA, N. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. *In*: PAIVA, M.; DUARTE, E. (Orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2018.

RAMOS, G. **Cartas**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

RAMOS, C.; BEZERRA, J.; ROCHA, M. Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância nós/a gente no português do Maranhão. **Revista Signum**. Londrina, v. 12, n. 1, p. 279-292, jul. 2009.

ROMAINE, S. **Socio-Historical Linguistics**: its Status and Methodology. Cambridge University Press. New York, 1982.

SILVA, L. **A variação pronominal de primeira pessoa do plural na zona rural de Pariconha – AL**. v. 1. Campinas: Pontes Editores, 2023.

SILVA, M.; VITÓRIO, E. A implementação de a gente não sujeito no sertão alagoano. **Revista A Cor das Letras**, v. 19, p. 184-198, 2018.

SILVA, W. **Pronomes de segunda pessoa do singular na escrita alagoana do século XX**: um estudo dos pronomes objetos em cartas pessoais do escritor Graciliano Ramos. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, 2022.

SOUZA, M.; VITÓRIO, E. Variação nós e a gente na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas. **Letras em Revista**, v. 12, n. 1, p. 121-137, 2021.

TEJEDO-HERRERO, F.; TUTEN, D. The relationship between Historical Linguistics and Sociolinguistics**.** *In*: CONDE SILVESTRE, J. Sociolingüística Histórica: problemas, principios y direcciones de investigación. **Canal da Abralin**, 2020.

VIANNA, J.; LOPES, C. A competição entre nós e a gente nas funções de complemento e adjunto: desvendando outras portas de entrada para o pronome inovador. **Caligrama**, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 137-161, 2012.

VIANNA, J.; LOPES, C. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. *In*: MARTINS, M.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

VITÓRIO, E. Variação nós e a gente na posição de sujeito na escrita escolar. **Letras & Letras**, v. 31, p. 128-143, 2015.

VITÓRIO, E. A realização dos pronomes nós e a gente na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na cidade de Maceió/AL. **Letrônica**, v. 10, p. 122-138, 2017.

VITRAL, L. "A forma 'cê' e a noção de gramaticalização". *In*: ARRUDA, C. **A gramaticalização do pronome a gente:** um percurso através de cartas pessoais familiares. Campinas: IEL/UEC, 2021.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.